

Graffiti na cidade de São Paulo

Graffiti at Sao Paulo city

Nataniél Dal Moro

Obra revisada

BEDOIAN, Graziela; MENEZES, Kátia (Orgs.). *Por trás dos muros: horizontes sociais do graffiti*. São Paulo: Peirópolis, 2008. 136 p.

Sobre (a pessoa que faz) graffiti:

“É uma coisa incompreendida, muito nova, recente. Um dia vai ser estudada.”
(p. 47).

A obra intitulada *Por trás dos muros: horizontes sociais do graffiti* deve ser pensada como um “livro-diálogo” no qual diversos e distintos sujeitos dialogam continuamente com os seus pares e com a sociedade. A proposta da referida obra é ser uma “ferramenta de transformação social, marca do Projeto Quixote.” (p. 13). O objetivo maior é o de mostrar a história de vida das pessoas que fazem graffiti, tanto antes como durante e também depois da participação no “Projeto Quixote: uma outra história”.

O livro foi organizado pelas escritoras Graziela Bedoian e Kátia Menezes. Já o conteúdo das entrevistas foi coletado pela jornalista Kátia Menezes, que entrevistou grafiteiros, empresários, jornalistas, cineastas, psicólogos, urbanistas, dentre outras pessoas a respeito do mundo do graffiti na cidade de São Paulo. Os principais grafiteiros entrevistados são 4: Cuba, Ota, Pastore e Wolpy, todos na faixa etária dos 20 e poucos anos. O livro não busca propriamente mostrar um estado da arte do graffiti ou da pichação, nem mesmo faz um balanço historiográfico da questão; busca, por seu turno, problematizar questões de outra ordem, com destaque para a vida dos grafiteiros e suas relações com a sociedade. Visto por este prisma, a obra é sim um apanhado sintético do universo do graffiti, porém circunscrito ao espaço físico da maior metrópole brasileira.

Na Introdução as autoras externam que o graffiti – concebido como “arte urbana” – é utilizado pelos grafiteiros como um meio para estes pensarem a cidade de São Paulo e, igualmente, mostrarem uma outra cidade aos demais sujeitos. Os instrumentos usados para materializar o graffiti em espaços públicos, e em menor escala nos ambientes privados, são: spray, látex e até mesmo giz de cera.

A metodologia utilizada para produzir a obra, assim como a chamada base teórica que norteia a análise das fontes, não se enquadra nos parâmetros acadêmicos vistos, hoje, como “normais”. Vê-se que as autoras mostram, de forma bastante enfática, a ação empreendida pelos grafiteiros no espaço urbano. A preocupação maior, quando se lê a obra, não é a de externar o método utilizado, mas sim a de tornar perceptível a realidade produzida pelos sujeitos do mundo do graffiti paulistano. Neste sentido, o texto é heterodoxo.

A obra é composta essencialmente por 3 partes. Na Parte 1, intitulada Identidade cultural, discute-se a identidade cultural dos grafiteiros e a relação destes com a cidade e os demais sujeitos que nela estão; na Parte 2 o graffiti é analisado como elemento que viabiliza uma integração social de diversos sujeitos e na Parte 3 o graffiti é pensado como um trabalho, como uma profissão que gera renda para os seus realizadores.

No decorrer deste “livro-diálogo” fica evidente que a cidade de São Paulo é um local privilegiado para a prática do graffiti e a rua, por excelência, é o espaço no qual o graffiti pode ser visto com mais intensidade. Embora para alguns o graffiti seja apenas um outro meio de comunicação, pode-se até dizer que ele é a domesticação da arte da pichação, para muitos jovens – popularmente chamados de grafiteiros – o graffiti é o mais eficaz, talvez o único, meio de comunicação destes com o restante do mundo. Nesse sentido o graffiti é uma ação política que transforma “espaço feio” em “espaço bonito”.

Nas palavras do grafiteiro Ota:

A parte mais gostosa do graffiti é isso. Você pensar que o graffiti legítimo tem o lado político, que a criança e o adolescente trazem, que é bem consciente. E interferir no mundo, nas coisas erradas. Ao mesmo tempo tem a divulgação. E, de repente, um espaço feio você pode transformar num espaço bonito (p. 36).

Além do desenho propriamente dito, há também a Tag, que é a marca que caracteriza o grafiteiro. A Tag é uma marca própria; só existe uma: é, na verdade, a assinatura do sujeito que fez o trabalho ou dos sujeitos que o fizeram.

De acordo com o grafiteiro Pastore:

Tag para mim é sair por aí escrevendo seu nome na rua. Sentar num lugar e pegar uma caneta e ficar riscando, não parar: falando com você e riscando aqui. A tag para mim é fazer brincadeira de criança. E gosto de fazer bastante mesmo, é uma necessidade de me expressar, não vejo como vandalismo, é diferente de destruir (p. 40).

Mas o que é então a pichação? A pichação, no entender do grafiteiro Jon, também “é parte do pensamento político”.

Muitos pichadores dos anos 70 estão agora no governo. Então eles entendem de onde vem a pichação: é parte do pensamento político. Você coloca seu nome nos muros. Mesmo sendo somente um nome, isso continua sendo um ato político. Você sai dos subúrbios e diz que existe. É um ato político, de fato (p. 43).¹

E é no espaço da rua que este “ato político”, o do graffiti, ocorre de forma mais nítida, mais perceptível e mais escancarada, sendo uma prática aceita e reconhecida por uns e, também, ainda bastante recusada e combatida por inúmeros outros sujeitos.

¹ Existe toda uma discussão sobre “graffiti” e “pichação”, no entanto, esta questão não foi abordada de forma pormenorizada no livro ora resenhado, tendo em vista que a proposta da obra não era propriamente essa. Portanto, não se faz oportuno introduzir esta discussão na resenha, pois isso desconfigura a proposta das autoras, uma vez que encaminha o leitor para outras questões.

Para a psicóloga Graziela Bedoian, uma das organizadoras do livro, a arte do graffiti possui:

[...] caráter social. É como um instrumento de denúncia: ele expõe, tem a capacidade de fazer as coisas virarem vitrine. Com a tinta, você sublinha o que precisa ser iluminado. Esse ato tem um papel comunitário de comunicação social. Graffiti, em essência, é estar no espaço público, e se a gente for pensar, a expressão na polis é política. O graffiti tem esse poder, não é só uma coisa estética, e nesse sentido é algo que transmite uma ética (p. 52).

Esse caráter social, pode-se dizer cidadão, se materializou por meio do diálogo de duas práticas, a saber: o Hip Hop e, é claro, o graffiti, num evento chamado “Hip Hop Urra!”. Foi uma união de artes: a primeira uma arte sonora e a segunda uma arte visual. Este evento foi realizado inicialmente nos muros do Complexo Penitenciário do Carandiru, popularmente chamado apenas de Carandiru, depois em muros de escolas da periferia paulistana, na Cracolândia, região central da cidade de São Paulo, em hospital psiquiátrico e, também, no evento Casa Cor do ano de 2003, que se deu no prédio no qual funcionou o Hospital Matarazzo, próximo da Avenida Paulista.

Graziela sintetiza exemplarmente a transformação visual pós-graffiti e o intuito político desta prática nas ruas da cidade de São Paulo: “O produto final é um muro grafitado, bem bonito, que você olha e reconhece as discussões que estão por trás.” (p. 59). Ainda para Graziela, “[...] o graffiti entra, comunica, estabelece pontes, sai da rua e invade – tem uma mensagem para contar, tem um papel social importante.” (p. 62).

Na Parte 2, chamada Graffiti social: Projeto Quixote, externa o que é este Projeto e como o mesmo funciona, que sujeitos ele busca integrar, que barreiras sociais e culturais almeja transpor, que sociedade intenta formar. Deixa também extremamente claro que a filosofia pedagógica da referida Instituição tem os escritos do educador Paulo Freire como referência central.

Para a psicopedagoga Zilda Rodrigues Ferré:

O graffiti abre novos horizontes, chega trazendo um novo caminho, uma nova fonte de interesse, um novo jeito de pertencer, de ser valorizado, principalmente com o adolescente que está com a identidade ambígua, confusa. O graffiti é poderoso com os adolescentes, é uma linguagem artística com uma força muito própria. Com ele surge a possibilidade de se construir algo criativo, ao mesmo tempo em que se começa a desconstruir a linguagem da pichação. O graffiti é contextualizado, ele tem um contexto de ação, tem uma linguagem muito singular. A criança e o adolescente passam a fazer escolhas (p. 72).

A última parte, a 3, denominada Graffiti: viver disso?, trata especificamente de como os jovens que integram o Projeto Quixote podem conseguir trabalho/emprego/renda através da arte política e comercial do graffiti.

O Projeto Quixote é uma Oscip ligada à Universidade Federal de São Paulo, que atua desde 1996 e tem como missão transformar a história de crianças, jovens e famílias em complexas situações de risco, por meio de atendimento clínico, pedagógico e social integrados, gerando e disseminando conhecimento (p. 130).

A atuação do Projeto Quixote se dá basicamente em duas direções: Atendimento e Ensino/Pesquisa.

O Projeto Quixote é composto por vários programas, quais sejam: Programa Pedagógico, Programa Clínico, Programa Família, Programa Moinho do Bixiga e Programa de Educação para o Trabalho, que se subdivide em: Quixote Jovem, Inserção no Mercado de Trabalho e Agência Quixote Spray Arte.

Esta Agência serve para que os jovens possam ser iniciados na carreira de grafiteiro e, igualmente, se profissionalizarem no mundo do graffiti. Na Agência Quixote Spray Arte os jovens – chamados no início de aprendizes – estudam teoria e realizam atividades práticas: materializam o graffiti, ora de forma coletiva e também individual, ora em espaço público e, inclusive, em espaço privado. Essa ação sinaliza que a arte do graffiti está, em certa medida, sob a tutela não apenas dos que a fazem, mas também das instituições que dão visibilidade estética e mercadológica para que tal arte seja assim concebida nos demais setores de uma sociedade do porte da existente na cidade de São Paulo.

Na medida em que o aprendiz se interessa ele pode se tornar auxiliar e, por último, grafiteiro. Segundo Roberto Carlos Madalena, que é geógrafo e coordenador do Programa de Educação para o Mundo do Trabalho:

O aprendiz pode ir e ficar sentado, olhando o trabalho. O auxiliar tem um compromisso. Tem uma parte a fazer, que às vezes começa no layout. O auxiliar começa a acompanhar as visitas e negocia as etapas anteriores aos trabalhos. Tem auxiliar que já está passando a grafiteiro (p. 112).

As mais de 100 fotografias e outras inúmeras imagens de graffitis que estão distribuídas nas páginas da obra são muito ricas em conteúdo e merecem também toda a atenção por parte do leitor. Só a análise destas imagens, tanto das fotográficas como das dos graffitis, e também dos textos grafitados já é assunto, no mínimo, para outra resenha.

De forma bem ampla estas imagens gráfico-visuais mostram um mundo urbano repleto de cores e de significados; mostram um cotidiano não-hegemônico que intenta se fazer menos discriminado via a arte do graffiti.

A obra conta com Prefácio escrito pelo artista plástico Aguilar, Posfácio redigido pela consultora de estratégia e projetos para organizações da sociedade civil Vivianne Naigeborin, apoio da W. K. Kellogg Foundation e patrocínio da Petrobrás e do Governo Federal do Brasil.

Finalizando, a obra *Por trás dos muros: horizontes sociais do graffiti* é, diante da atual realidade urbana posta e mesmo da produção historiográfica existente, muito válida para todas as pessoas que buscam entender melhor a cidade de São Paulo, literalmente, sob outro prisma, sobretudo o espaço público, em particular os muros pintados, sejam eles grafitados ou não.

Esta produção, que pode ser utilizada até mesmo como fonte iconográfica para o trabalho de outros pesquisadores, constitui rica documentação para o estudo das culturas sociais, constituídas notadamente por jovens, que emergiram com mais destaque no universo urbano brasileiro a partir das décadas de 1970-80.

O livro ora resenhado é ao mesmo tempo um relato da história de vida de um grupo de sujeitos, geralmente empobrecidos materialmente, e também uma experiência coletiva de imposição social frente outras culturas.

per ao construir uma história da evolução técnica. Afinal, trata-se em parte de compreender a história da arte como a história da emergência e do desenvolvimento de elementos puramente formais. As idéias de “progresso” ou de “decadência”, bem como de superioridade de um Estilo em relação a outro que o precedeu, não tem qualquer acolhida possível aqui, e esta foi certamente uma contribuição bastante importante da Escola de Viena. Quando se desliga a história da Arte da história de uma evolução tecnológica ou funcional, e passa-se a focá-la como a história de deslocamentos entre padrões de visibilidade, mesmo a utilização da palavra “evolução” esvazia-se de sentido.

Nesta perspectiva, o espaço público da cidade se configura como o local mais apropriado para a prática do graffiti, tendo em vista que o objetivo maior deste (e dos sujeitos que o fazem) é mesmo o de ser visto/reconhecido como cultura. Logo, se se reconhece a existência do graffiti como uma cultura urbana também se reconhece a existência cultural dos que o fazem: os grafiteiros. Entendo que a mensagem central do “livro-diálogo” que resenho é essa: dizer que os grafiteiros e sua prática, o graffiti, também integram, fazem parte, constituem a sociedade e precisam ser respeitados pelos demais poderes, em especial o público estatal.

Outra contribuição do livro ora resenhado é que ele destoa em larga medida das tradicionais contribuições proporcionadas pelas obras acadêmicas. Isso ocorre justamente pelo fato das autoras não terem como público central apenas os leitores do universo da educação superior, mas sim as pessoas em geral.

Contudo, essa realidade não inviabiliza em momento algum a apresentação da obra no espaço universitário; ao contrário, serve para instigar ainda mais a busca por outros tipos de diálogos entre estes mundos, a saber: um acadêmico e o outro empresarial, por vezes tão próximos fisicamente e tão distantes em suas formas de conceber os seres humanos e a natureza das coisas e de propor alterações para o corpo social no qual estão inseridos.

Felizmente para a História isso já não é mais tanto um problema, mas sim uma inquietação bastante desafiadora e positiva. De acordo com Roger Chartier (1991), a História, após a Crise dos Paradigmas Dominantes, na verdade, uma crise das teorias e dos saberes estruturalista e marxista, tem se mostrado extremamente receptiva ao diálogo com outras teorias e saberes.² O livro *Por trás dos muros* seguramente é uma parte valiosa para compreendermos este processo.

Sobre o autor

Nataniél Dal Moro possui graduação em História - Licenciatura Plena e Bacharelado pela Universidade Católica Dom Bosco (2003), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007), doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012), ensino-fundamental-primeiro-grau pela EEPSP “Sidrônio Antunes de Andrade” (1996) e ensino-medio-segundo-grau pela EEPSP “Sidrônio Antunes de Andrade” (1999). Atualmente é Pesquisador do NEHSC (Antigo Grupo CORDIS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Membro de corpo editorial da Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade e Revisor de periódico da Cordis - Revista Eletrônica de História Social da Cidade. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social. Atuando principalmente nos seguintes temas: História, História Social, História de Mato Grosso do Sul, História Social da Cidade, Modernização urbana e Representações sobre os trabalhadores.

E.mail: natanieldalmoro@bol.com.br

² CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Revista Estudos Avançados, São Paulo, USP, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.